

O VISTO, O DITO E O CONTRADITO
dos registros médicos de Lima Barreto ao seu testemunho literário sobre o hospício

THE SEEN, THE SAID AND THE UNSAID:
LIMA BARRETO'S MEDICAL RECORDS AND HIS LITERARY
DEPICTION OF LIFE IN THE ASYLUM

*Daniela Birman**
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Este estudo parte do cotejo de duas fotografias do escritor Lima Barreto, em dois períodos de internação no antigo Hospital Nacional de Alienados. Serão analisadas as circunstâncias históricas das duas imagens, assim como as molduras documentais nas quais estão inseridas. Prosseguindo por esse caminho, pretendemos avançar na identificação de clivagens entre as internações do escritor e no exame dos seus embates com diversos elementos que compõem seu retrato

PALAVRAS-CHAVE

Lima Barreto, Diário do Hospício, *O cemitério dos vivos*,
Hospital Nacional de Alienados

INTRODUÇÃO¹

As duas fotografias que hoje conhecemos do escritor Lima Barreto (1881-1922) no hospício nos chamam primeiramente a atenção pelo seu contraste. Numa delas, o vemos ainda jovem, aos 33 anos de idade, na sua primeira internação no antigo Hospital

* danielabirman@gmail.com

¹ A partir de um primeiro texto publicado em jornal, ampliei e desenvolvi algumas ideias e hipóteses que ali se encontravam em forma embrionária, além de ter avançado outras, dando origem ao artigo aqui apresentado. Ver BIRMAN. Lima Barreto, branco, 33 anos. Este estudo foi ainda debatido no simpósio “Literatura e testemunho: teorias, limites, exemplos”, no XII Congresso Internacional da Abralic (2011). Agradeço aos organizadores e participantes do encontro pelas sugestões e pelos comentários enriquecedores, em parte aproveitados.



FIGURA 1 - Detalhe do registro de Lima Barreto em sua primeira internação no Hospital Nacional de Alienados, aos 33 anos.

Fonte: Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



FIGURA 2 - Foto da segunda e última entrada de Lima Barreto no manicômio.

Fonte: Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Nacional de Alienados, em 1914.² A outra imagem nos mostra Lima já destruído fisicamente em sua segunda e última internação na mesma instituição, no final de 1919. Ele tinha então 38 anos e viria a morrer três anos depois, de colapso cardíaco. Logo acima dos dois retratos, o mesmo diagnóstico é cravado: “alcoolismo”. Assim, de uma fotografia a outra, o “visto” parece se aproximar do “dito”, e as feições de Lima ganham a aparência da “doença” por meio da qual o enquadramento psiquiátrico da época o classifica e objetiva. Neste artigo, buscaremos desnaturalizar esta junção entre a palavra e a imagem, descolando supostas evidências.³ Para isto, nos distanciaremos das molduras documentais da época, procurando historicizar seus componentes e analisar o dito, o visto e o escrito em função do arquivo no qual eles estão inseridos.⁴ Examinaremos ainda os testemunhos literários do escritor, nos quais ele se confronta com as certezas da medicina de sua época, acrescentando assim ao discurso dominante seu “contradito”.

Com efeito, a patente ruína física de Lima Barreto no intervalo temporal de cinco anos não deve paralisar a análise. Enquadrando as duas imagens nos seus documentos de origem, é possível delinear um fundo histórico em que as comparações não se resumem a diferenças gritantes numa cronologia de vida – e menos ainda a uma progressiva ilustração da “verdade” médica. Ao partirmos, pois, das duas fotografias para o exame histórico, avançamos na identificação de clivagens, semelhanças e diferenças (de maior ou menor contraste) entre as duas internações de Lima Barreto, assim como na leitura dos embates do escritor com diversos dos elementos que compõem seu retrato – incluindo as suas molduras documentais. Nesses embates, Lima se esforça por romper com as imagens (e o ditos sobre elas) que lhe são impostas. Porém, por vezes, como era de se esperar, permanece em parte enredado no enquadramento do saber psiquiátrico da época. Para seguirmos o percurso aqui enunciado, centraremos nosso estudo nos citados documentos e nos textos de Lima sobre o manicômio, sobretudo o seu “Diário do

² Criado por decreto do segundo imperador do Brasil, no dia da sua sagração (18 de julho de 1841), o Hospício de Pedro II foi inaugurado no final de 1852 como o primeiro estabelecimento médico brasileiro destinado especialmente ao tratamento de alienados. Pouco após a Proclamação da República, ele foi separado da administração da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, em janeiro de 1890, passando a se chamar Hospício Nacional de Alienados. Em 1911, o manicômio mudou de nome mais uma vez, chamando-se então Hospital Nacional de Alienados. Ver MACHADO et al. *Danação da norma*; ENGEL. *Os delírios da razão*; ENGEL. *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto*; BARRETO. *Diário do hospício*; *O cemitério dos vivos*. Destacamos que a fotografia de 1914, em que Lima Barreto aparece jovem, com ar bem apessoado, contrasta ainda com a descrição dele na época traçada em sua biografia: “As maçãs do rosto, antes rosadas, do adolescente acostumado aos exercícios do remo e natação da Ilha do Governador, tinham adquirido, no homem de trinta e poucos anos, a coloração baça comum aos alcoólatras. Desaparecera por completo o viço da juventude. *Era ele, agora, um mulato gordo e vermelhão, tresandando a cachaça*”, escreve Assis Barbosa. BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*, p. 233. Grifos nossos.

³ Inspiramo-nos e apropriamo-nos, de modo relativamente livre, de Foucault ao citarmos termos como “visto” e “dito”, “palavra” e “imagem”. Ver FOUCAULT. *As palavras e as coisas*.

⁴ Sobre a noção de arquivo aqui empregada, ver FOUCAULT. *L'archéologie du savoir*.

Hospício”, escrito durante sua segunda internação no Hospital Nacional de Alienados, e no romance inacabado *O cemitério dos vivos*, redigido a partir do material do diário.⁵

O INGRESSO COMO INDIGENTE

As fotografias de Lima Barreto no manicômio integram os registros médicos do escritor nos *Livros de Observações Clínicas* do antigo Pavilhão de Observação do Hospital Nacional de Alienados, em 1914 e em 1919, anos de suas entradas no hospício. Embora os dois documentos clínicos sejam há bastante tempo conhecidos, tendo sido reproduzidos pelo biógrafo do escritor, Francisco de Assis Barbosa, a descoberta das duas imagens de Lima é bem mais recente: enquanto aquela de 1914 foi publicada pela primeira vez em setembro de 2010, a segunda veio a público em 2004.⁶ Outra informação, segundo comentaremos mais adiante, permaneceu inédita até 2010: a identificação de Lima como “branco” no quesito “cor”, da observação de 1914.

Mesmo sem examinarmos os registros médicos, já sabemos previamente, portanto, que antes de ser matriculado no hospício, Lima passou por um período de observação num anexo ao manicômio para onde eram levados os indivíduos sem proteção social ou econômica, recolhidos nas ruas da cidade. Segundo explica o narrador-protagonista do romance *O cemitério dos vivos*, Vicente Mascarenhas: “O Pavilhão de Observação é uma espécie de dependência do Hospício a que vão ter os doentes enviados pela polícia, isto é, os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados”.⁷ Este ingresso na instituição como “indigente”, que ali chegou pelas mãos da polícia, acarretaria numa série de diferenciações em relação ao tratamento recebido, segundo Lima não deixaria de notar.

De fato, ao observarmos as duas fotografias, percebemos que o escritor vestia nelas o uniforme do manicômio. O uso obrigatório desta vestimenta diz respeito a uma das

⁵ Todos os registros médicos de Lima Barreto que chegaram até nós hoje foram transcritos por Francisco de Assis Barbosa. Eles podem ser consultados na exemplar biografia do autor (BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*) e no volume XV das “Obras de Lima Barreto” (BARRETO. *O cemitério dos vivos*). Com exceção de dois documentos que constam em *Livros de Observações* (1914; 1919) do antigo Pavilhão de Observação, pertencentes hoje à Universidade Federal do Rio de Janeiro, os originais dos outros dois registros médicos reproduzidos por Assis Barbosa não foram, infelizmente, localizados em nossa pesquisa. Considerando a dispersão e a má conservação que marcaram a trajetória de parte significativa dos documentos do antigo hospício, tememos que essas anotações estejam perdidas. Sobre a trajetória desta documentação, ver FACCHINETTI e RIBEIRO. Fontes históricas em rede.

⁶ A fotografia de 1914 foi localizada no quadro da pesquisa de pós-doutorado “Confinados: escrita e experiência do cárcere em Lima Barreto e Graciliano Ramos”, realizada por mim no IEL/Unicamp, com apoio da FAPESP. Já aquela de 1919, hoje bastante conhecida, foi publicada pela primeira vez em 2004, com a edição da reunião, em dois volumes, de todas as crônicas do escritor. Ela foi descoberta pela pesquisadora Beatriz Resende, responsável, ao lado de Rachel Valença, pela organização dessa obra (ver BARRETO. *Toda crônica*. v. II; RESENDE. Profissão: jornalista). Naquele momento, segundo explica Resende (ver BIRMAN. “Lima Barreto, branco, 33 anos”), os livros de registros de entrada no antigo Hospital Nacional de Alienados saíram do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, propriamente, e foram levados para a Biblioteca do Instituto, sob a responsabilidade do SIBI (Sistema de Bibliotecas e Informações), onde passaram à condição de documentos de pesquisa.

⁷ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 177.

distinções entre as regras aplicadas, por um lado, aos internos do Pavilhão e da seção Pinel e, por outro, àqueles da seção Cameil. Na seção Pinel, lembramos, eram matriculados os “indigentes”, os doentes gratuitos do sexo masculino; na Cameil, os pensionistas, também do sexo masculino, ou aqueles, segundo explica Juliano Moreira, “que por serem tranquilos ou terem tido certa educação mereçam estar separados de outros que não a tiveram”.⁸ Assim, enquanto os primeiros eram despojados de suas roupas, os segundos podiam mantê-las,⁹ sofrendo de modo pouco mais ameno o processo de despersonalização efetuado nas chamadas instituições totais.¹⁰

A violência deste processo é descrita por Lima logo no início do seu diário: “Tiramos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não.”¹¹ O escritor chama ainda a atenção para a inadequação das vestimentas fornecidas: calças curtas e camisas “cujas mangas me ficavam a dois terços do antebraço”.¹² Nesse caso, o tratamento no hospício colaboraria ativamente, portanto, para a construção da imagem do “indigente”, que ele oficialmente cuida. E, conseqüentemente, para a aproximação do “visto” ao “dito”.

Tendo ingressado pelas mãos da polícia no manicômio, em suas duas internações, Lima não se distingue da maior parte dos reclusos no hospício, que também ali chegavam por esse meio.¹³ Para citarmos um exemplo, somente entre 1907 e 1916, mais de dez mil indivíduos ingressaram (ou reingressaram) na mesma instituição após terem sido considerados alienados em exames realizados por médicos-legistas da polícia, segundo estimativa de Magali Gouveia Engel.¹⁴

O “sequestro” de Lima será, contudo, firmemente contestado pelo escritor. Na crônica “Quem será, afinal?”, ele acusa a ilegalidade da polícia, que auxiliou seus parentes em sua internação. “[...] conforme as leis atuais, nesse negócio de loucura minha, tenho eu pai vivo e não sendo indigente, só ele e unicamente ele, por ser eu solteiro, é que tem direito de intervir nele”.¹⁵ Porém, como se sabe, a primeira lei federal de assistência

⁸ MOREIRA citado por ENGEL. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto, p. 90.

⁹ Ver ENGEL. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto, p. 88.

¹⁰ Sobre as chamadas instituições totais, ver GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos*. A associação entre a perda de identidade vivida por Lima Barreto e as investidas contra o *eu* descritas por Goffman são examinadas por RESENDE. *Diário do hospício*. Uma análise comparativa entre os processos de destruição e reconstituição de si em Lima Barreto e Graciliano Ramos, em seus escritos sobre o hospício e a prisão, respectivamente, pode ser consultada em BIRMAN. *Escrita e experiência do cárcere em Lima Barreto e Graciliano Ramos*.

¹¹ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 43.

¹² BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 46.

¹³ Embora Lima Barreto tenha chegado ao hospício pelas mãos da polícia, seu envio havia sido solicitado por familiares do escritor. Segundo conta Assis Barbosa (BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*), Carlindo, um dos irmãos de Lima, foi quem pediu à polícia que o levasse ao manicômio em 1914. Este irmão, lembramos, era guarda-civil.

¹⁴ ENGEL. *Os delírios da razão*, p. 263. Ver também ENGEL. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto.

¹⁵ BARRETO. *Quem será, afinal?*, p. 452.

médico-legal aos alienados,¹⁶ aprovada em 22 de dezembro de 1903, reafirmava a determinação de reclusão em instituições especialmente destinadas a doentes mentais de todos aqueles que, reconhecidos como tais, perturbassem a ordem e a moral públicas ou atentassem contra a vida (a própria ou de outrem). Já em vigor anteriormente, este princípio seria mantido na legislação até, pelo menos, o fim da década de 1920.

Além de denunciar a ilegalidade da polícia, Lima criticará os estereótipos e preconceitos que guiam suas ações – e conseqüentemente a ordenação urbana.¹⁷ “A polícia, não sei como e por quê, adquiriu a mania das generalizações [...]; todo cidadão de cor há de ser por força malandro; e todos loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados”, escreve o narrador de *O cemitério dos vivos*, Vicente Mascarenhas.¹⁸ O escritor mostra assim como esta polícia serve, segundo observa o crítico Alfredo Bosi, de instrumento de exclusão do suposto demente: “O aparelho policial aparece, mais de uma vez, como a primeira triagem, que separa o joio do trigo social. O joio será em seguida peneirado: de um lado, o meliante, que vai para a delegacia e a cadeia; de outro, esta figura estranha, paradoxal, quase inclassificável, o réu sem culpa, mas igualmente forçado à reclusão”.¹⁹

Com efeito, tendo passado por essa primeira “triagem”, Lima chega ao hospício, em 1914, com uma “guia policial”, que é reproduzida no seu registro do *Livro de Observações Clínicas* do Pavilhão.²⁰ Assim, sendo recolhido pela polícia, o escritor, ao que parece, passou primeiramente por alguma espécie de exame médico-legal, que determinou seu encaminhamento ao Pavilhão, onde seria observado.

¹⁶ Ver ENGEL. Os delírios da razão.

¹⁷ Os estereótipos denunciados por Lima como condutores da ação policial também podiam ser verificados na associação entre suspeição e vadiagem. Segundo conta Marcos Luiz Bretas, em seu estudo sobre a atuação da polícia entre 1907 e 1930 no Rio de Janeiro, a lógica policial trabalhava em dois sentidos: por um lado, eram suspeitos aqueles que não tinham ocupação nem endereço fixo; por outro, os suspeitos, supostamente sem emprego nem residência, provocavam a expectativa, quando esses dados eram apresentados, de que eles fossem falsos. “[...] percebe-se claramente a desconfiança policial no uso de expressões como ‘disse residir’ ou ‘disse ter como profissão’” (BRETAS. *Ordem na cidade*, p. 133). Essas generalizações, segundo mostrou Goffman, também tendem a atuar nas chamadas instituições totais, nas quais equipe dirigente e internados se veem por meio de estereótipos (GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos*). É por esta chave, acreditamos, que devemos ler ainda a seguinte observação incluída em um registro médico da segunda internação do escritor, anotado, segundo Assis Barbosa, pelo médico que o examinou na seção Pinel: “indivíduo de cultura intelectual, *diz-se escritor*, tendo já quatro romances editados, e é atual colaborador da *Careta*” (BARRETO. *O cemitério dos vivos*, p. 265. Grifos nossos). Sobre essa desqualificação da palavra de Lima, ver ainda Resende (RESENDE. *Diário do hospício*, p. 175).

¹⁸ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 177-178. Sobre outras críticas e ironias de Lima Barreto à atuação da polícia, ver, por exemplo, o conto “Como o ‘homem’ chegou” e as crônicas “Providências policiais”, “Da minha cela” e “Quem será, afinal?”.

¹⁹ BOSI. *O cemitério dos vivos*, p. 12.

²⁰ Transcrevemos essa passagem do registro de 1914: “Comemorativos pessoais e de moléstia: cópia da guia policial – ‘Nada informa aos antecedentes de hereditariedade. Acusa outros no rapto de manuscritos. Acusa insônias, com alucinações visuais e auditivas. Estado geral bom. Boa memória.’” Em BARRETO. *O cemitério dos vivos*, p. 262.

De fato, desde 1900 já cabia aos médicos-legistas da polícia a realização de exames prévios, requeridos por autoridade competente, em indivíduos suspeitos de alienação mental que tivessem sido recolhidos pela polícia nas ruas ou se encontrassem nas prisões. Em caso de resultado positivo, os indivíduos seriam então conduzidos ao Pavilhão e, dependendo das conclusões da observação, ingressariam ou não no manicômio.²¹

A competência da polícia para avaliar seu estado mental e a curta duração dos seus exames médicos são questionadas por Lima Barreto na crônica “Quem será, afinal?”, já aqui citada. Nesse texto, ao reconhecer ter apresentado sinais de loucura, o escritor lembra que muitos outros, com os quais não se toma como igual, também o fizeram: “Imagino um Pascal sem a sua irmã M^{me} Périer, a braços com a psiquiatria do senhor Aurelino, do seu edificante Celso Vieira, do seu apressado gabinete médico-legal, onde iria parar?”²²

Esta atividade de “triagem” pode ainda ser verificada em outros documentos policiais da época. Com efeito, uma série deles, datados de 1914, e provenientes de delegacias, apresentavam indivíduos suspeitos de “sofrer das faculdades mentais” para o chefe de polícia do distrito federal ou o administrador do depósito de presos da repartição da Polícia Central, a fim de serem submetidos a exames de sanidade. Estes ofícios costumam também trazer uma espécie de resposta, indicando o local (Hospital Nacional de Alienados, por exemplo) para onde conviria mandar o indivíduo em questão. Ou, dependendo do caso, informar outras providências a serem tomadas.²³

Já em outra série de documentos, o então diretor do Hospital Nacional de Alienados, o psiquiatra Juliano Moreira, comunicava ao chefe de polícia os acontecimentos relativos a pacientes que tinham sido encaminhados ao manicômio pela corporação.²⁴ Ele informava, assim, falecimentos (em certos casos com solicitação de remoção do cadáver para realização de autópsia médico-legal), altas, decisões de colocar em liberdade indivíduos que tinham passado pelo período de observação. Trata-se, neste caso, de transmitir à polícia o destino daqueles que ali chegaram pelas suas mãos; uma espécie de “retorno” da “triagem”, portanto.

Esta atividade policial de “classificação” e remoção de supostos doentes, dementes e mendigos deve ser relacionada à gama de tarefas que cabia à corporação desempenhar na época.²⁵ Entre os diversos casos em que deveria atuar, estavam aqueles de serviço público e controle social. Desse modo, ela teria, entre outras incumbências, que prestar

²¹ Ver DIAS. “Dramas de sangue” na cidade.

²² BARRETO. Quem será, afinal?, p. 451.

²³ Os ofícios citados fazem parte do fundo GIFL, guardado pelo Arquivo Nacional.

²⁴ Estes documentos também podem ser localizados no Arquivo Nacional, no qual integram o fundo GIFL.

²⁵ A respeito de tendências contraditórias verificadas em relatórios de chefes de polícia sobre quais deveriam ser as tarefas da corporação, BRETAS. *Ordem na cidade*, p. 64-66. Ver, ainda, a indicação do historiador do quase desaparecimento da função policial de prover assistência a pobres doentes, por volta de 1917, e da redução de outras de suas atividades vinculadas à saúde pública, entre 1909 e 1925. Verificar, por fim, a sugestão de Bretas a respeito de uma mudança no policiamento identificada entre as três primeiras décadas do século, indicando que “o modelo repressivo vigente no princípio foi mais tarde adaptado para uma versão mais branda, pelo menos com referência a prisões indiscriminadas e controle do comportamento nas ruas do centro da cidade”. BRETAS. *Ordem na cidade*, p. 99-101.

socorro em caso de acidente, encaminhar suas vítimas e outros doentes encontrados nas ruas para hospitais, assim como recolher indivíduos suspeitos de insanidade e combater a vadiagem. Mais do que a variedade de tarefas, interessa-nos aqui frisar a imbricação entre essas. Pois, como Marcos Luiz Bretas chama a atenção em seu estudo sobre a ação policial, a assistência e a repressão se cruzavam. Especialmente, nos parece, nos casos de recolhimento para exame de sanidade, em que a medicalização é inseparável do controle social.

O que atuava nesta simultânea “triagem” e “exclusão” realizada pela polícia nas ruas da cidade, ao que tudo indica, era o dispositivo panóptico, entendido como um mecanismo generalizável, fundamental à formação da chamada sociedade disciplinar.²⁶ Nesse contexto, ao vigiar as ruas da cidade, recolhendo supostos doentes, mendigos e loucos, a polícia ao mesmo tempo reforçaria a internalização de comportamentos e posturas, excluiria elementos considerados “perigosos” ou “indesejáveis”, classificaria e individualizaria. Essa combinação entre exclusão e individualização permanecerá no interior da instituição total para onde esses indivíduos serão encaminhados.

DE FUNCIONÁRIO BRANCO A JORNALISTA PARDO

Ao chegar ao Pavilhão de Observação, Lima Barreto ali permaneceu por cerca de dez dias, na primeira internação, e apenas um, na segunda. Ao compararmos os dois registros médicos dessa dependência do hospício, três diferenças nos chamam a atenção, além daquela relativa à ruína física do escritor: a distinção na extensão dos documentos e a mudança nos dados referentes à “cor” e à “profissão” do escritor.

Enquanto o primeiro registro ocupa quatro páginas e traz informações diversas sobre o quadro clínico do interno – a respeito, por exemplo, da sua “inspeção geral”; dos “comemorativos de família”; dos “comemorativos pessoais e de moléstia” –, o segundo restringe-se basicamente aos dados sobre o autor (nome, cor, idade, nacionalidade, estado civil, profissão), datas de entrada e saída e diagnóstico. Com uma só página, este documento informa ainda que aquele era o segundo ingresso de Lima no manicômio. Esta enorme diferença de detalhamento e extensão entre os documentos pode ser explicada pela data da segunda internação. Afinal, Lima Barreto chegou ao hospício em 25 de dezembro de 1919, dia de Natal. É plausível, pois, imaginar que a instituição funcionasse nesse feriado com uma equipe reduzida, em esquema de plantão.

Mas independentemente dos motivos que levaram à escassez de informações do prontuário, este traz duas informações diferentes daquelas contidas no documento anterior. As mudanças são significativas. Assim, se em 1914 Lima se declara “funcionário público” e é identificado como “branco” no quesito “cor”, na sua segunda internação ele se diz “jornalista” e sua “cor” é “parda”. A passagem de funcionário público para jornalista se deu após a aposentadoria por invalidez do escritor no seu cargo na Secretaria da Guerra e com o aumento de sua colaboração com a imprensa.²⁷

²⁶ Ver FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

²⁷ Ver BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*; RESENDE. Profissão: jornalista.

A aposentadoria permitirá que Lima experimente inteira liberdade para se expressar, o que ele próprio declara na crônica “Quem será, afinal?”.²⁸ Nesse texto, o escritor insinuará a existência de objetivos escusos na sua reclusão ao hospício. Esta crença, segundo mostraremos, também aparece em delírios seus. E, verdadeira ou não, ela tem seu nexos. Citamos o autor: “Abusando da inexperiência de minha irmã, nessas cousas de leis, e da simplicidade e também ignorância dos meus irmãos, não faltava malvado aí que não lhes aconselhasse tal intromissão [da polícia] [...]. Serviam, sem querer, aos que me queriam desacreditar...”.²⁹

A sua internação obedeceria, assim, ao propósito de depreciar o autor e seus ideais. Esta insinuação coincide com delírios persecutórios do escritor. Com efeito, por ocasião de sua primeira internação, Lima foi levado para a casa de um tio, em Guaratiba. Os delírios, porém, não cessaram. Segundo conta Assis Barbosa, apoiando-se em registro do *Livro de Observações Clínicas*:

Os mesmos fantasmas, ou talvez outros, ressurgiram, tendo à frente o Tenente Serra Pulquério. Conhecia-o de vista. Sabia-o da polícia do presidente da República. Pulquério tinha ido prendê-lo. O romancista fora denunciado como anarquista. [...] Que fez então Lima Barreto? Reagiu à hipotética prisão, quebrou vidraças, virou mesas e cadeiras, lutando contra os fantásticos Serras Pulquérios e agentes que o acompanhavam.³⁰

Cerca de dois anos depois, Lima Barreto é internado na Santa Casa de Ouro Fino, em nova crise. Segundo depoimento do seu amigo Emílio Alvim, mais uma vez as atividades anarquistas ocupam lugar privilegiado no pavor que se apodera do escritor.³¹ De fato, invadido pelo medo, ele “trancara-se num quarto, gritando que o general Joaquim Inácio Batista de Castro o tinha vindo prender, por causa das suas atividades anarquistas. ‘Lá vem ele – dizia. – Lá vem ele me prender! Vem com um pelotão!’”.³²

Verdadeira ou falsa, a interpretação de Lima sobre seu recolhimento ao hospício (e seus delírios) têm coerência, se lembrarmos que combatentes de movimentos de oposição à ordem vigente poderiam ser enquadrados na categoria de “loucura moral”, junto a outros querelantes e litigantes enviados ao hospício.³³ Trata-se aqui, portando, de outra face da junção do controle social com a expansão do poder médico.

O PÁTIO NEGRO DA SEÇÃO PINEL

Já a mudança de “cor” de Lima Barreto, embora não exatamente surpreenda, intriga. Terá sido sua identificação, no registro de 1914, produto de mero erro e descuido ou, ao contrário, fruto do cuidado em “embranquecer” (e, portanto, proteger) um jovem escritor e funcionário público na sua primeira internação? Tendemos para a segunda

²⁸ Ver ainda BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*; RESENDE. Profissão: jornalista.

²⁹ BARRETO. *Quem será, afinal?*, p. 452.

³⁰ BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*, p. 240-241.

³¹ Ver BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*.

³² BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*, p. 245.

³³ Ver ENGEL. *Os delírios da razão*, p. 279.

hipótese. Crítico feroz dos preconceitos que atravessavam a Primeira República, aquele autor sem sucesso, internado pelas mãos da polícia e diagnosticado como alcoólatra, poderia ter a sua má sorte atenuada ao se diferenciar no manicômio por sua cor e profissão. Afinal, tais estratégias de dissimulação (de si ou de outrem) não eram nada raras naquela sociedade – como ainda não chegam a ser hoje.³⁴

Descuido ou não, o “embranquecimento” de Lima Barreto não se repetirá nos outros três documentos médicos que conhecemos do escritor, em que ele terá ora sua “cor” ora sua “raça” definida como “parda”. É importante ainda lembrar que a sua identificação como “branco” não foi transcrita para a cópia do documento, permanecendo inédita até 2010. Figura essencial na preservação e valorização da obra de Lima, Assis Barbosa copiou todo o registro do *Livro de Observações Clínicas* de 1914, porém sem a informação da “cor” e sem a reprodução da fotografia. Já na reprodução daquele de 1919, o quesito “cor” da ficha não foi esquecido.

Provocada ou não pela sua entrada como “pardo” no Pavilhão, Lima ganhará em 1919 o mesmo destino da massa de miseráveis que, como ele, ali chegou pelas mãos da polícia: a seção Pinel, aquela destinada aos “indigentes” do sexo masculino. Lá, parte da pobreza que povoava a seção era conjugada à cor negra. É esse, pelo menos, o quadro descrito pelo narrador de *O cemitério dos vivos*, Vicente Mascarenhas, do pátio de aspecto mais desolador da seção:

Na Seção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento deles andava nu ou seminú. Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa.³⁵

Essa foi a primeira vez que Lima foi encaminhado à seção Pinel. Segundo vimos até aqui, o escritor não só havia chegado ao hospício num dia em que provavelmente a casa funcionava fora do seu padrão regular (25 de dezembro), como não recebeu nenhuma proteção especial na identificação de sua “cor”. Além disso, e agora retornamos à fotografia com que abrimos o texto, ele já havia adquirido as feições da “doença” com que tinha sido objetivado, deixando um espaço mais reduzido para dúvidas sobre a sua “loucura”. Isso já que, segundo a psiquiatria da época, o alcoolismo poderia ser considerado tanto causa quanto consequência de doenças mentais.³⁶

De fato, ao ser examinado na seção Pinel, Lima será descrito de acordo com as feições expostas na fotografia. Citamos um trecho da anamnese ali produzida: “É um indivíduo precocemente envelhecido, de olhar amortecido, fâcies de bebedor,

³⁴ A crítica Beatriz Resende compara essa informação da primeira entrada de Lima Barreto no hospício com outro caso conhecido nas letras nacionais: o de Machado de Assis (ver DORIGATTI. Lima Barreto, entre o hospício e o cemitério). Como se sabe, o autor de *Dom Casmurro* também tem sua “cor” indicada como “branca” na certidão de óbito, assinalando o processo de ascensão social concretizado por ele.

³⁵ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 211.

³⁶ Ver SANTOS; VERANI. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX.

regularmente nutrido”.³⁷ O “visto” colava-se agora, portanto, ao “dito”, deixando menos brechas para se questionar os discursos dominantes. Já no registro de 1914, a ligação entre o “visto” e o “dito” parecia exigir uma leitura mais ativa do corpo de Lima, em busca de vestígios indicadores da sua “doença”. Assim, em sua inspeção geral, anota-se: “o nosso observado é um indivíduo de boa estatura, de compleição forte, apresentando *estigmas de degeneração física*. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades digitais”.³⁸ O apoio em uma teoria abrangente o suficiente, como aquela da degenerescência, parece se fazer aqui necessário na fundamentação científica dos desvios identificados como sinais de moléstia.³⁹

É nesse contexto específico – de internação em dia atípico, após a condução pela polícia; passível de ser taxado de reincidente; num estado físico que se casava com o diagnóstico que lhe tinha sido cravado; sem receber nenhuma proteção no preenchimento de sua ficha – que entendemos o encaminhamento de Lima Barreto à seção Pinel. Ele não permanecerá, porém, muito tempo por lá. Chegando à seção em 26 de dezembro, será transferido para a Cameil em 29 de dezembro, por ordem de Juliano Moreira. Durante sua permanência, o escritor terá direito ainda a certas “regalias”.

A Pinel tinha, pois, como inspetor o enfermeiro Gustavo Sant’Ana, antigo empregado da colônia de alienados da Ilha do Governador, onde o pai de Lima havia sido escriturário, almoxarife e administrador. Lembrando-se do seu pai, Sant’Ana virá ao auxílio de Lima: “Deu-me uma cama, numa seção mais razoável, arranjou que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina”.⁴⁰ Poucos dias depois, ao ser indagado pelo diretor Juliano Moreira sobre onde preferia ficar, Lima opta pela seção Cameil.

Além da diferença social de seus matriculados, a Pinel e a Cameil se distinguem de outras formas. Uma delas era pela oposição entre lazer e trabalho, entendidos como meios terapêuticos. Assim, por um lado, a prestação de serviços na instituição (como aqueles de limpeza, cozinha ou em oficinas) era em grande parte executada por internos das seções Pinel e Morel (seção destinada a “indigentes” do sexo feminino). Para citarmos um exemplo, em 1915, dos 517 matriculados que se dedicavam ao trabalho, 76,4% eram de homens e mulheres das seções Pinel e Morel, e apenas 20,6% de internos e internas pensionistas.⁴¹ Por outro lado, as formas de lazer estabelecidas pelos regulamentos da assistência aos alienados entre 1890 e 1927 (como biblioteca, sala de reunião e recreio), segundo explica Engel, “parecem ter sido regalias às quais somente os pensionistas tinham direito”.⁴² Ao optar pela Cameil, onde já havia ficado anteriormente, Lima justificará sua escolha pelo acesso à biblioteca da seção.

³⁷ BARRETO. *O cemitério dos vivos*, p. 265.

³⁸ BARRETO. *O cemitério dos vivos*, p. 261. Grifos nossos.

³⁹ Sobre a teoria da degenerescência – em sua introdução por Bénédict-Augustin Morel e seus desdobramentos por Valentin Magnan – e sua ligação à expansão do campo de intervenção da medicina mental, ver SERPA JR. *O degenerado*, p. 447-473.

⁴⁰ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 49.

⁴¹ MOREIRA citado por ENGEL. *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto*, p. 313.

⁴² ENGEL. *Os delírios da razão*, p. 311.

Uma distinção fundamental entre as duas seções, relacionada evidentemente a todas as outras aqui mencionadas, diz respeito à condição mais vulnerável do paciente enquadrado como “indigente”. Fortaleceria essa condição uma série de diferenciações estabelecida pela legislação, em que os “indigentes” do hospício teriam a menor cota de direitos assegurada aos doentes mentais pela lei de 1903.⁴³ Essas disposições certamente se refletiriam, ao menos em parte, nos cuidados dispensados por guardas, médicos e enfermeiros.

Estes “cuidados” e arbítrios não passaram, claro, despercebidos pelo escritor: “Os guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores”, observa o autor.⁴⁴ Lima Barreto se lembra ainda de um episódio específico com certa mágoa. Numa passagem do seu diário em que se chama por Tito Flamínio (um dos nomes cogitados para o protagonista de *O cemitério dos vivos*), o escritor narra que, ao ser transferido do dormitório para um quarto, ele foi obrigado a carregar sozinho sua cama, até que outro doente se ofereceu para ajudar. Isto já que o guarda não veio a seu auxílio nem mandou que um colega viesse.

Outras recordações dolorosas de Lima também se referem a episódios em que ele é obrigado a realizar algum trabalho manual, reforçando o rebaixamento que deveria significar para o escritor a prática de tal atividade – não sem relação com a divisão de trabalho existente na sociedade. Logo no início do seu diário, ele lembra, pois, como foi obrigado a baldear a varanda e o banheiro quando estava no Pavilhão, durante sua primeira internação. Ao narrar o episódio em *O cemitério dos vivos*, Vicente Mascarenhas chama a atenção para a humilhação contida na execução de tal tipo de atividade em público. Citamos:

Parece-me que ele [o guarda] gostou da minha obediência, pois deu-me cigarros; e, naquele dia ou no seguinte, escolheu-me para ir varrer os canteiros do jardim, isto é, os que circulavam o edifício da enfermaria.

Por essa ocasião, confesso, vieram-me as lágrimas aos olhos. Já não era mais o varrer, porque, mais de uma vez, varri a minha residência [...]. Não era o varrer; era o varrer quase em público, sob o olhar de tanta gente a que não ligava a infelicidade comum.⁴⁵

Lima (e Mascarenhas) será, porém, “salvo” por um médico ou interno, que determinará o fim do serviço. Apesar da carga emocional com que o episódio é narrado no romance, o escritor afirmará em seu diário não ter mágoa alguma do tal guarda.

A vulnerabilidade de Lima também será experimentada com força no encontro com um alienista da Pinel.⁴⁶ No “Diário do Hospício”, o escritor ressalta em sua descrição

⁴³ ENGEL. *Os delírios da razão*, p. 272.

⁴⁴ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 81.

⁴⁵ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 184. Grifos nossos.

⁴⁶ Segundo a nota 22 da edição de o “Diário do Hospício” aqui empregada, tratava-se de Antônio Austregésilo, que fez parte da equipe de Juliano Moreira, tendo exercido a Diretoria de Assistência aos Alienados. O médico também foi professor da antiga Universidade do Brasil, um dos fundadores dos Arquivos Brasileiros de Medicina e imortal da Academia Brasileira de Letras. Ver BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 55.

a faceta de “amante de novidades”⁴⁷ do médico, considerando-o capaz de executar uma descoberta de cirurgia empregada no campo da medicina mental, divulgada em revista estrangeira, sem nenhum exercício reflexivo prévio.

Mas será em *O cemitério dos vivos* que o encontro com o chefe do serviço da seção Pinel ganhará potência dramática. O médico, segundo podemos perceber, é descrito de modo parecido àquele do diário. Nesta passagem, Lima sintetiza a situação de extremo desamparo que viveu na seção Pinel:

Sentia, não sei por quê, nesse rapaz, um grande amor à novidade, uma pressa e açodamento, muito pouco científicos, em experimentar o “remédio novo”. [...] Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia.⁴⁸

A REVOLTA E O TEMOR DO PESO HEREDITÁRIO

Além de criticar com firmeza a prepotência dos médicos, Lima Barreto nega com veemência a eficácia da medicina mental da época e interroga suas certezas. “Até hoje, tudo tem sido em vão [...]; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas [...] que a ciência tudo pode”, anota o autor em seu diário.⁴⁹

Com efeito, o escritor questiona o saber classificatório da psiquiatria assim como interpela seu forte recurso à noção de hereditariedade. Ele lança também dúvidas a respeito da sua suposta “loucura” e da responsabilidade central atribuída ao álcool nas suas crises: “Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...”.⁵⁰

O forte apoio da psiquiatria da época na noção de hereditariedade deveria tocar Lima em especial devido ao estado de seu pai, que enlouquecera em 1902, durante a juventude do filho.⁵¹ Com delírios não muito diferentes daqueles que o escritor viria a ter cerca de uma década depois, João Henriques fora tomado pelo pavor de ser preso pela polícia. O administrador das colônias de alienados da Ilha do Governador temia ser acusado de desfalque, devido a uma diferença que havia encontrado na prestação de contas. Como se verificará posteriormente, esta diferença não existia, mas já fazia parte da sua alucinação. João Henriques nunca mais, contudo, se recuperaria. E a grande

⁴⁷ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 56.

⁴⁸ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 245-246.

⁴⁹ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 68.

⁵⁰ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 64. Sobre esses questionamentos do escritor, ver ENGEL. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto; ENGEL. *Os delírios da razão*; BOSI. *O cemitério dos vivos*; SANTOS e VERANI. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX.

⁵¹ Ver BARBOSA. *A vida de Lima Barreto*.

maioria dos registros clínicos de Lima não deixaria, evidentemente, de mencionar o enlouquecimento do seu pai.

O escritor parece perceber a frágil abrangência que a noção de hereditariedade fornece à psiquiatria no estudo da etiologia da doença. Ele não deixa, assim, de frisar em seu diário a ausência de uma explicação consistente sobre a loucura e sua origem: “Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte.”⁵²

Tanto seu questionamento sobre o peso da hereditariedade na transmissão de taras quanto o incômodo provocado por esses pressupostos serão trabalhados em *O cemitério dos vivos*. No romance, Vicente Mascarenhas não apenas interpela essas ideias como reconhece muito ter se impressionado com elas ao escutá-las, a ponto de tomar como resolução, ainda menino, “examinar a certeza da ciência”.⁵³ A sensibilidade do narrador à questão também tinha caráter pessoal, uma vez que ele era filho de um “quase assassino”,⁵⁴ já que seu pai havia sido julgado por atirar num parente.

A revolta de Mascarenhas em relação a essa questão não parece ter sido suficiente, porém, para ele romper por completo com certos pressupostos do saber psiquiátrico da época. É possível, pois, indagar se, apesar das investidas certeiras de Lima contra a medicina mental, ele não manteve hesitações no tocante à questão da transmissão hereditária da doença.⁵⁵ Essas dúvidas, nos parece, teriam surgido na criação do personagem Boaventura, filho de Mascarenhas, e seriam expressas pelo próprio narrador do romance. Nascido “robusto e forte, mas com um mau feitio de cabeça”,⁵⁶ Boaventura chega a ter convulsões aos 5 anos e nunca conseguiu se alfabetizar. Citamos:

Que culpa oculta haveria em mim no tenebroso destino que eu augurava para meu pequeno? A tal hereditariedade dos sábios... E me repontaram todas as dúvidas, que eu e tanta gente tinha trocado essa antiga credence popular, agora transformada em artigo de fé; e me lembrei também da salutar regra do mestre de não admitir como verdade [...] senão o que se apresentasse tão claramente e distintamente no meu espírito, de forma que não tivesse nunca ocasião de pôr em dúvida.⁵⁷

⁵² BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 67-68.

⁵³ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p.151.

⁵⁴ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p.154.

⁵⁵ Ver ainda sobre esta ambiguidade, ENGEL. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto.

⁵⁶ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 192. Lembramos que Lima Barreto chegou a passar por medições antropométricas, durante sua segunda internação no Hospital Central do Exército, entre 4 de novembro de 1918 e 5 de janeiro de 1919. O escritor narra esse episódio na crônica “Da minha cela”, escrita no próprio hospital e expressando ao mesmo tempo ironia e pesar: “Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo; e, agora, quando qualquer articulista da *A Época* quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidades, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior!”. BARRETO. *Da minha cela*, p. 401.

⁵⁷ BARRETO. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*, p. 237.

Mesmo hesitante e repleto de pressentimentos terríveis, Mascarenhas não entrega os pontos, mantendo o posicionamento crítico em relação às certezas da ciência, tantas vezes tratadas como dogma. Nesse ponto preciso, em que o personagem e o autor não conseguem se desembaraçar das dúvidas – ainda que não abram mão de sua capacidade reflexiva e de sua autonomia, não se rendendo ao discurso dominante – se localizaria, nos parece, o limite do que poderia ser transgredido e pensado no quadro da época, de avançado processo de medicalização da loucura. Ou, se preferirmos, o limite do que poderia ser visto e dito. Lima Barreto certamente tocou essa fronteira, mas permaneceu em parte enredado em suas bordas.

Esse enredamento, acreditamos, também pode ser transposto para as fotografias do manicômio. Em ambas, nos deparamos com o olhar triste do escritor enquadrado pela documentação e pelo diagnóstico da época. Nas duas, Lima mantém a cabeça erguida. De uma a outra, parece lançar uma questão ou mesmo um desafio. Se em 1914 a imagem do autor sugere um gesto desconfiado face ao processo institucional em que é inserido, em 1919 sua expressão se exacerba numa postura provocativa. Assim, emoldurado pelo saber de então, Lima não pôde romper por completo com o quadro em que é fixado. Ele não permanece, contudo, imobilizado no seu interior, mas antes provoca e combate os seus limites.



ABSTRACT

Setting out from an examination and comparison of two photographs of Lima Barreto as an inpatient in the former National Hospital for the Insane, I look to analyze the two images historically, along with the textual framework of the documents in which they are inserted. Pursuing this line, I look to identify the divergences between the author's two internments while simultaneously exploring his conflicts with some of the elements composing his depiction. The analysis centers initially on two records from the former Observation Pavilion of the National Hospital for the Insane, dated 1914 and 1919. Simultaneously, though, it turns to the "Asylum Diary", written by the author during his second period of interment in the hospital, and to the unfinished novel *Cemetery of the Living*, based on material from this diary.

KEYWORDS

Lima Barreto, Diário do Hospício, *O cemitério dos vivos*,
National Hospital for the Insane

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. Como o "homem" chegou. In: _____. *Lima Barreto: prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 1152-1166.

- BARRETO, Lima. Da minha cela. In: _____. *Toda crônica*. v. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 398-405.
- BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. Providências policiais. In: _____. *Toda crônica*. v. II. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 39.
- BARRETO, Lima. Quem será, afinal? In: _____. *Toda crônica*. v. I. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 450-455.
- BIRMAN, Daniela. Escrita e experiência do cárcere em Lima Barreto e Graciliano Ramos. *Revista Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, dossiê “Escritas da Violência II”, p.78-90, jul. 2010.
- BIRMAN, Daniela. Lima Barreto, branco, 33 anos. *O Globo*, Rio de Janeiro. Prosa & Verso, p. 1. 25 set. 2010.
- BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 11-39.
- BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIAS, Allister Andrew Teixeira. “*Dramas de sangue*” na cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921). 2010. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6095/2/22.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2014.
- DORIGATTI, Bruno. Lima Barreto, entre o hospício e o cemitério. Site Saraiva Conteúdo. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10423>>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- ENGEL, Magali Gouveia. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades. In: CHALHOUB, Sidney et al. (Org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 57-98.
- ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.
- FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea. Fontes históricas em rede: o caso da história da psiquiatria no Brasil. *Revista Textos de la CiberSociedad*, n. 16. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net>>. Acesso em: 6 jun. 2011.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- RESENDE, Beatriz. Diário do Hospício: a crônica da loucura. In: _____. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

RESENDE, Beatriz. Profissão: jornalista. In: BARRETO, Lima. *Toda crônica*. v. II. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 7-11.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 401-420, dez. 2010.

SERPA JR., Octavio Domont de. O degenerado. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 447-473, dez. 2010.

FONTES DE ARQUIVO

Fundo GIFl. Arquivo Nacional.

Livro de Observações Clínicas do Pavilhão de Observação do Hospital Nacional de Alienados. Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1914.

Livro de Observações Clínicas do Pavilhão de Observação do Hospital Nacional de Alienados. Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1919.

Recebido em 22 de outubro de 2014
Aprovado em 26 de dezembro de 2014